

Concepções de liberdade na educação Waldorf: um estudo de caso

Conceptions of freedom in Waldorf education: a case study

DORALICE LANGE DE SOUZA ROCHA *

RESUMO – Este trabalho discute a concepção de liberdade da educação Waldorf e como esta concepção repercute nas práticas educacionais das escolas Waldorf. Para os educadores Waldorf, a concepção de liberdade vai além de idéias tais como “participação democrática”, “livre expressão” ou “livre agir”. Ela envolve auto-conhecimento, autodisciplina e o desenvolvimento das diferentes dimensões humanas. Paradoxalmente, para promover este tipo de liberdade, o currículo Waldorf é extremamente estruturado e seus professores, bastante diretivos. A pesquisa baseia-se em um estudo de caso sobre uma escola Waldorf típica.

Descritores – Currículo; educação Waldorf; liberdade.

ABSTRACT – This paper discusses the conception of freedom in Waldorf education and the implications of this conception on the Waldorf pedagogy. For Waldorf educators, the concept of freedom goes beyond ideas such as “democratic participation”, “free expression”, or “free action.” It encompasses a notion of self-knowledge and self-discipline and the full development of our potentials. Paradoxically, to promote this kind freedom, the Waldorf curriculum is tightly structured, and the teachers are very directive. The research is based on a case study of a typical Waldorf school.

Key-words – Curriculum; freedom; Waldorf education.

INTRODUÇÃO

Ao longo de minha trajetória enquanto pesquisadora, tenho me dedicado a estudos sobre concepções holísticas em educação e sobre a gestão de projetos pedagógicos que buscam trabalhar dentro destas concepções. Durante as pesquisas, me deparei com um modelo educacional denominado “Educação Waldorf”. Este modelo pode ser considerado holístico, uma vez que todos os seus esforços se voltam para a promoção do desenvolvimento inte-

* Dr. em Educação pela Harvard University. Professora adjunta da Universidade Federal do Paraná. E-mail: desouzdo@post.harvard.edu

Artigo recebido em: março/2006. Aprovado em: junho/2006.

gral e balanceado de todos os aspectos dos educandos (cognitivo, emocional, físico, social, espiritual e estético) e uma relação significativa entre os mesmos e o que estão aprendendo, entre a sua intuição e o seu pensamento racional, entre o sujeito e o seu eu interior e entre o indivíduo e o mundo à sua volta (para mais detalhes sobre a concepção holística em educação ver ROCHA, 2003b, 2003c, 2004). Este trabalho visa discutir a visão de liberdade que permeia a proposta Waldorf e como as escolas Waldorf buscam promover esta visão. A experiência que vai aqui ser abordada propicia uma discussão sobre o que vem a ser—ou o que poderia vir a ser—uma concepção de liberdade mais abrangente do que a que permeia nossa sociedade e oferece alguns subsídios para refletirmos sobre como alguns elementos desta concepção poderiam ser possivelmente trabalhados no meio educacional.

A pesquisa foi baseada em uma extensa revisão de literatura, bem como em um estudo de caso sobre uma escola Waldorf que vamos aqui chamar de Sunshine Waldorf School (SWS), localizada nos EUA e associada à Association of Waldorf Schools of North America (o nome da escola foi mudado a pedido dos participantes do estudo). Embora o componente empírico de minha pesquisa tenha se detido a apenas uma escola, como as escolas Waldorf vinculadas às Associações oficiais seguem de perto o mesmo currículo e recomendações, a mesma representa, em grande parte, a realidade da maioria das escolas Waldorf, independentemente de sua localização. O estudo de caso envolveu seis meses intensivos de observações em salas de aula, reuniões de professores, reuniões entre pais e mestres e eventos culturais; entrevistas com pais, professores, alunos e ex-alunos da escola estudada; revisão de materiais relativos à mesma (regimento da escola, materiais preparados para cursos aos pais e professores, planejamento dos docentes, trabalhos dos alunos e panfletos explicativos destinados aos membros da comunidade escolar).

A CONCEPÇÃO DE LIBERDADE SEGUNDO VÁRIAS VERTENTES

O conceito de liberdade, como qualquer outro conceito, é também historicamente e culturalmente produzido. No Ocidente, quando falamos em liberdade, normalmente nos referimos às idéias de democracia, ausência de autoritarismo e de obstruções, autonomia, autodeterminação, independência, liberdade de expressão e habilidade de satisfazer nossas necessidades. No Oriente, por outro lado, o conceito de liberdade se relaciona com a concepção de auto-conhecimento, autocontrole, desapego e estado de realização plena. Enquanto o conceito de liberdade, no mundo ocidental se relaciona mais com fatores externos ao indivíduo, no mundo oriental, se relaciona com um estado interior do mesmo.

Educação

No contexto educacional, a concepção de liberdade também assume diferentes conotações. Autores como Neill (1960, 1966) e Holt (1972) ligam o conceito de liberdade à autonomia de escolhas. Acreditam que a natureza humana é sábia. Portanto, defendem que devemos dar ampla liberdade de ação às crianças para que possam se desenvolver e se auto-educar de acordo com a sua “sabedoria inerente”. Para eles, o nosso papel enquanto educadores não deve ser o de guiar nossos educandos, mas o de apoiá-los quando necessitam de ajuda. O entendimento de liberdade destes autores está atrelado à idéia de ausência de autoridade por parte do adulto e autonomia de escolhas por parte dos educandos.

Outra forma de se pensar sobre o que vem a ser liberdade no âmbito educacional pode ser bem exemplificado pela concepção de Dewey (1964). A concepção de liberdade para ele está atrelada não somente à idéia de escolhas, mas também à presença de inteligência, conhecimentos e certas condições objetivas. Explica que inteligência e conhecimentos são necessários, pois determinam a nossa capacidade de sermos (ou não) bons observadores, de prevermos (ou não) as conseqüências de nossas escolhas e ações e de fazermos (ou não) bons planos, julgamentos e decisões. Condições objetivas são importantes, pois determinam nossa habilidade de pensar claramente e de executar os nossos planos (não conseguimos pensar e agir sabiamente se sentimos fome ou frio). Baseado nestas idéias, Dewey (1938) coloca que, embora o currículo deva ser fundamentado em objetos de estudo que sejam atrativos às crianças, devemos estruturar as experiências das mesmas de forma com que elas possam estar sempre aprendendo e progredindo rumo a níveis cada vez mais complexos de conhecimentos e habilidades.

Outra concepção de liberdade no contexto educacional é bem ilustrada pelo trabalho de Krishnamurty (1981). Acredita que o conceito de liberdade está associado com a ausência de medos e condicionamentos. Segundo ele, precisamos nos livrar de bloqueios mentais como apegos, medos e padrões de pensamento se quisermos ter uma visão acurada da realidade e nos tornar livres no sentido pleno da palavra. Esta visão, na verdade, é representativa da grande maioria das tradições orientais, tal como indica Nakagawa (2000). Segundo ele, não devemos impor as nossas perspectivas, valores, objetivos e conhecimentos em nossos educandos para não os condicionarmos à nossa visão de mundo e forma de conduzir nossas vidas. Devemos estruturar suas experiências somente na medida em que não impusermos metas e valores nos mesmos.

Frente às diferentes concepções de liberdade colocadas acima, gostaria agora de apresentar em linhas gerais a concepção de liberdade de Rudolf

Educação

Steiner, fundador e mentor das escolas Waldorf. Para Steiner e demais educadores Waldorf, esta concepção se relaciona, de certa forma, com o pensamento de Krishnamurty no que diz respeito à idéia de que liberdade está atrelada à uma condição interna do indivíduo. Para Steiner, entretanto, a obtenção de liberdade só é possível na medida em que cuidadosamente estruturamos e dirigimos as experiências das crianças para que as mesmas, quando se tornarem mais velhas e experientes, se sintam de fato bem preparadas para serem livres no sentido pleno da palavra.

A EDUCAÇÃO WALDORF E A SUA CONCEPÇÃO DE LIBERDADE

A educação Waldorf, um tipo alternativo e diferenciado de educação, foi criada por Rudolf Steiner na Alemanha, no ano 1919, logo após o final da grande primeira Guerra Mundial, quando o país estava passando por problemas seríssimos de desemprego, pobreza e outras conseqüências decorrentes de sua derrota na guerra. Emil Molt, o dono de uma fábrica de cigarros denominada “Waldorf Astoria”, pediu a Steiner para idealizar e fundar uma escola para os filhos de seus funcionários, com uma proposta que desse conta de ajudar a construir um mundo mais justo, harmônico e pacífico. Steiner assim idealizou e fundou a sua primeira escola que veio a se chamar “Waldorf” em homenagem à fábrica. Hoje, estima-se que existem aproximadamente 750 escolas Waldorf distribuídas em 47 países ao redor do mundo, incluindo o Brasil.

Acima afirmei que a educação Waldorf é alternativa e diferenciada e cabe aqui algumas palavras para melhor explicar esta afirmação. Ela difere da maioria das escolas que conhecemos, pois visa o desenvolvimento balanceado da criança em todas as suas dimensões. Ou seja, não valoriza mais o desenvolvimento cognitivo de seus alunos do que o desenvolvimento de seus aspectos emocional, físico, social, espiritual e estético. Além disto, combate explicitamente a visão materialista/consumista que permeia nossa sociedade e busca resgatar um maior contato entre o indivíduo e a natureza, e entre o indivíduo e o seu “ser interior”.

A meta principal da educação Waldorf, nas palavras do seu próprio fundador, Rudolf Steiner, é a de “desenvolver seres humanos livres, capazes de dar sentido e direção à sua própria vida” (STEINER, apud TROSTLY, 1998, p. 9 – tradução da autora). Mas o que é liberdade, ou o que significa ser livre, dentro da concepção Waldorf? Quando os educadores Waldorf falam em liberdade, eles se referem à uma condição interna do indivíduo e não externa. Steiner (1964), em seu livro “Die Philosophie der Freiheit”, critica várias das concepções de liberdade que foram mencionadas acima. Argumen-

Educação

ta contra a idéia de que ser livre é agir de acordo com as nossas próprias necessidades ou meramente agir de forma racional, uma vez que nossas necessidades muitas vezes não são autênticas e o que julgamos ser produto de nosso pensamento racional é constantemente determinado por interesses externos inconscientemente assimilados. Segundo ele, só nos tornamos livres na medida em que nos auto-conhecemos e nos tornamos cientes dos motivos/razões de nossos pensamentos, desejos, vontades e formas de agir. Para o autor, o desenvolvimento de auto-conhecimento é extremamente necessário para que possamos distinguir as nossas verdadeiras aspirações e necessidades daquelas externamente impostas pelos “modismos” de nossa sociedade.

Na concepção de Steiner, além do auto-conhecimento, liberdade também demanda o desenvolvimento de nossos sentidos e de nossa forma de sentir para que possamos perceber e apreciar as pequenas coisas do mundo à nossa volta; demanda autocontrole, disciplina e força de vontade para que possamos fazer o que precisa ser feito para atingirmos nossos objetivos; demanda equilíbrio emocional para que não nos deixemos levar por sentimentos rancorosos e ondas de pensamentos desregrados e negativos; demanda raciocínio lógico, conhecimentos, habilidades e competências para atingirmos as nossas metas; demanda um corpo e hábitos saudáveis; e finalmente, demanda também um certo grau de “capacidade intuitiva”. Intuição para ele é a capacidade de captarmos a essência de nossos pensamentos e de nossas experiências e de apreendermos a realidade de uma forma imediata, sem o uso de raciocínio.

Baseado no que foi dito acima, para os educadores Waldorf, a concepção de liberdade demanda o desenvolvimento pleno de nosso ser, de nossas capacidades cognitivas, emocionais, físicas, sociais, espirituais e estéticas, o que implica necessariamente no desenvolvimento de auto-conhecimento, autocontrole, equilíbrio emocional, raciocínio lógico, conhecimentos, habilidades, competências, intuição, disciplina e também força de vontade, para que possamos escutar e obedecer a nós mesmos e não sermos um mero instrumento nas mãos de outros e/ou da ideologia dominante. Os educadores Waldorf acreditam que para que o ser humano possa chegar a este tipo de liberdade, ele precisa de muita direção e disciplina durante a sua infância. O currículo Waldorf, portanto, é bastante estruturado e o professor determina em grande parte tudo o que a criança deve (ou não) fazer durante o dia escolar.

Buscando promover o desenvolvimento pleno da criança, as escolas Waldorf proporcionam aos seus alunos uma variedade de experiências. Além

Educação

das disciplinas acadêmicas, elas normalmente oferecem as seguintes disciplinas, conforme constatado na literatura e na experiência da SWS:

Na primeira série as crianças começam a ter aulas de flauta doce, duas línguas estrangeiras, educação física, trabalhos manuais (durante os anos elas aprendem a fazer tricô, crochê, bordado e costura) e eurtimia (“forma artística que transforma a linguagem falada e musical em movimento”) (HOLLAND, 1981, p.13 - tradução da autora). Na terceira série começam a ter aulas de canto. Na quarta série aprendem a tocar um instrumento de corda. Na quinta série se aprofundam neste instrumento ou passam a aprender um instrumento de sopro. Também nesta série têm aulas de técnicas de coral e de trabalhos em madeira. Na sexta série começam a tocar na orquestra da escola. A cada ano elas experienciam cada uma destas aulas em níveis mais e mais complexos. Também a cada ano cada turma produz uma peça de teatro que é apresentada para a comunidade escolar (ROCHA, 2003c, p. 188).

Durante o ensino fundamental, os professores Waldorf dão grande atenção ao desenvolvimento das dimensões emocionais, imaginativas e artísticas do educando. Segundo eles, é somente através do desenvolvimento da imaginação é que poderemos um dia nos tornar criativos, e, portanto, livres no sentido pleno da palavra. Também, é somente através de uma conexão emocional/afetiva com os conhecimentos/habilidades trabalhados é que poderemos atingir uma aprendizagem significativa. Assim, no ensino fundamental, normalmente introduzem os conteúdos através de histórias e biografias, acreditam que estimulam a imaginação dos educandos e contextualizam os conhecimentos trabalhados, mas também promovem uma conexão afetiva entre os alunos, os sujeitos das histórias/biografias e os conteúdos, em voga. Os professores Waldorf também costumam trabalhar com muitas atividades corporais e artísticas. Por exemplo, ao introduzir o número dois, o professor normalmente conta uma bela história que envolve este número, ensina as crianças a cantar e a recitar poesias com o mesmo, lidera brincadeiras que envolvem movimentos físicos com o número, faz com que as crianças desenhem e pintem o mesmo, modelem o número dois na argila e somente depois de muito trabalho corporal e artístico com o mesmo, é que aborda o número de forma mais acadêmica. Todo este trabalho que envolve o corpo, canto, poesia, pintura, desenho, modelagem e jogos de diferentes tipos, potencialmente ajuda o educando a se conectar com os conteúdos trabalhados de uma forma mais orgânica e sólida do que aconteceria se a abordagem fosse meramente intelectual. É interessante ressaltar que os professores Waldorf exigem que todas estas atividades, independentemente de serem de cunho acadêmico ou não, sejam realizadas com muito cuidado, esmero e capricho. Acreditam

Educação

que as atividades corporais e artísticas são tão importantes quanto as intelectuais. Crêem também que, na medida em que o aluno aprende a trabalhar com capricho e cuidado, desenvolve autodisciplina e autocontrole.

Outro tipo de atividade, bastante comum na educação Waldorf, são as caminhadas junto à natureza e a contemplação de fenômenos naturais, tais como as formas das nuvens, o desabrochar de uma flor ou o canto de um passarinho. As caminhadas e a contemplação, segundo eles, não somente ajudam a promover uma maior conexão entre os educandos e a natureza, e a apreciação pela beleza da mesma, como também potencialmente os levam a um maior contato com o seu eu interior.

Na perspectiva Waldorf, acredita-se que antes de aprender a pensar, fazer julgamentos e tomar decisões, a criança precisa aprender a “sentir a realidade com todo o seu ser” e a percebê-la “tal como ela é”.

O pensamento precisa acontecer de uma forma viva nas mentes das crianças para que elas possam primeiro aprender e depois julgar. O que o intelecto tem a dizer sobre qualquer coisa deve somente ser dito quando todas as outras faculdades da alma [sentimentos] tiverem falado. Antes disto o intelecto tem apenas uma parte intermediária a desempenhar; a sua tarefa é a de compreender o que ocorre e é experienciado em sentimento, recebê-lo exatamente como ele é, não deixando julgamentos imaturos imediatamente adentrarem-se e assumirem o comando. Por esta razão, até a puberdade, as crianças devem ser poupadas de todas as teorias sobre as coisas; a consideração principal é que elas devem simplesmente encontrar as experiências da vida e recebê-las em sua alma [com o seu sentir]. Certamente elas podem ouvir o que várias pessoas pensaram sobre isto ou aquilo, mas exercícios de julgamento, cedo demais, sobre uma visão ou outra devem ser evitadas. Portanto, as crianças devem receber as opiniões das pessoas com o poder de sua alma [sentimentos] sem se jogarem em conclusões apressadas e sem tomar partido em defesa desta ou daquela pessoa. Elas devem ser capazes de escutarem a todos, dizendo a elas mesmas: ‘Fulano disse isto e ciclano disse aquilo’ (STEINER, 1998, p. 42 - tradução da autora).

Segundo a perspectiva Waldorf, antes de serem convidadas a formarem opiniões sobre determinadas questões, as crianças precisam passar por determinadas experiências que vão lhes proporcionar uma boa compreensão da realidade e uma base sólida para seus julgamentos. Do contrário, serão facilmente manipuladas pelos interesses de outras pessoas e desenvolverão pontos de vistas limitados e equivocados.

Educação

Nada é mais prejudicial à criança do que despertar o julgamento independente de forma precoce. Os seres humanos não estão em posição de fazerem julgamentos até que tenham coletado materiais/subsídios para julgamento e comparação em sua vida interior. Se formarem as suas próprias conclusões antes desta preparação, suas conclusões não terão uma base sólida. Este tipo de erro educacional é a causa das visões limitadas que consideram só um lado das coisas na vida e dos credos/opiniões estéreis baseados em pequenos retalhos de conhecimentos, prontos para condenar nestas bases idéias experimentadas e aprovadas pela humanidade através dos longos anos (STEINER, p. 41-42 - tradução da autora).

Os educadores Waldorf acreditam que as atividades das crianças precisam ser muito bem estruturadas e dirigidas por adultos uma vez que não possuem ainda conhecimento suficiente para determinar as suas experiências. O que a criança faz ou deixa de fazer, explicam eles, afeta não somente o seu “aqui e agora”, mas também o seu futuro.

Eu penso que é contra-produtivo [deixar as crianças decidirem certas coisas]. Você assim rouba da criança a chance de se sentir segura, protegida e confortável em não ter responsabilidades. Que o adulto assuma a responsabilidade pela sua escolha! Que o adulto saiba o que é certo e o que é errado para elas e que elas possam relaxar e ser livres para ser criança (...) Elas precisam de estrutura, autoridade e direção. Escolhas roubam delas a sua habilidade de mais tarde, realmente saberem o que querem, pois agora elas não sabem o que querem. Se desde pequenas elas fazem determinadas escolhas, estas escolhas vão acabar por moldá-las (Professora da 6ª série, tradução da autora).

Os educadores Waldorf tendem a ser bastante diretivos em seu trabalho buscando ter certeza que seus alunos estão sendo expostos a específicas situações de aprendizagem que talvez não se submeteriam espontaneamente, por falta de oportunidades, interesse e/ou por medo de errar/fracassar. Através da estrutura e direção que oferecem aos seus educandos, buscam ter certeza que os mesmos estão progredindo dia após dia, a despeito de sua resistência, medos e limitações:

Se te permitem seguir as suas próprias inclinações à vontade e você não experiência nada mais, isto limita as suas possibilidades. No final você só consegue fazer isto. Mas se você teve que expandir as suas possibilidades, quanto mais portas você abre, maior será a sua liberdade (...) O que você está fazendo agora irá determinar o tipo de oportunidades que terá mais tarde em sua vida...Portanto, sim, você sabe, é difícil para você agora, e você precisa trabalhar mais duro nisto agora, mas o que estamos tentando fazer é

Educação

manter as portas abertas... Estamos tentando ajudar a criança a superar a sua natureza para que possa abrir novas possibilidades. De outra forma, ficamos empantoados seguindo a nossa própria natureza e no que somos inclinados a fazer e no que conseguimos fazer bem (...) e nunca realmente descobrimos estas outras possibilidades (Professora da 2ª série, tradução da autora).

O grau de diretividade dos professores Waldorf pode ser bem exemplificado pela forma com que dirigem até mesmo os trabalhos artísticos de seus alunos. Observei várias aulas de uma professora da segunda série onde ela facilitou sessões de pintura com seus educandos. Em todas estas sessões, ela conduziu seus alunos passo a passo em tudo o que faziam. Ela ficava de pé na frente da sala, enquanto dizia aos alunos exatamente o que fazer, ia executando os gestos sugeridos por ela mesma para que todos a imitassem. Ela lhes dizia, por exemplo, como lavar o pincel na água, que cores deveriam usar, que formas deveriam pintar e até mesmo como deveriam conduzir o pincel com a tinta no papel. O grau de estrutura dado aos alunos varia de professor para professor. Mas de forma geral, no nível fundamental, dirigem em grande parte tudo o que as crianças fazem na escola, incluindo os seus trabalhos artísticos, conforme acabei de explicitar. Isto obviamente pode ser problemático uma vez que pode inibir a expressão da individualidade e da criatividade dos educandos. Os professores Waldorf, entretanto, não se abalam com este tipo de crítica. Acreditam que as atividades ofertadas por eles de primeira à oitava série devem ser mais um meio de “impressão” do que de “expressão”, como verifica na seguinte afirmação de um professor:

Normalmente vemos a arte como uma forma de catarse. Pedimos às crianças para colocarem para fora os seus pensamentos e sentimentos. Frequentemente na educação Waldorf o objetivo é o contrário. Tendemos a pedir aos alunos que experienciem o amarelo, o vermelho, ou o verde, ou o gesto de uma árvore, ou a forma com que o céu azul se funde com o vermelho do pôr do sol, ou a sutileza e a calma de se tocar ou escutar Bach. Para nós não é tanto expressar as coisas, mas fazer com que o mundo e a cultura faça a sua impressão na criança em desenvolvimento.

Segundo os professores Waldorf, a sua forma de trabalhar as diferentes modalidades artísticas junto aos seus educandos não somente “imprime” nos mesmos uma determinada forma de se ver e de se apreciar o mundo, mas também lhes proporciona a aprendizagem e o aprimoramento de técnicas e habilidades artísticas. Crêem que as diferentes vivências que os alunos têm e as técnicas e habilidades que desenvolvem, no decorrer do tempo, transformam-se em instrumentos para a sua expressão criativa. Confesso que no

Educação

início de minhas observações na SWS, fiquei um tanto quanto chocada com a extensão com que dirigiam o trabalho artístico de seus alunos. Entretanto, com o tempo, conforme fui entendendo a “lógica Waldorf” e observando o trabalho dos alunos, passei a perceber que na medida em que os mesmos se tornavam mais velhos e se apropriavam de um amplo repertório de conhecimentos e técnicas, passavam a desenvolver trabalhos artísticos muito bem elaborados. Embora não tenha desenvolvido um estudo para verificar se os alunos Waldorf de fato tendem a se tornar criativos, conforme minhas observações na SWS, a qualidade de seus trabalhos nas séries mais avançadas é impressionante, muito além do nível do trabalho de alunos em outros tipos de escolas que já tive a oportunidade de observar.

Os professores Waldorf buscam filtrar tudo o que é discutido em sala de aula (ROCHA 2003a; 2003c). Abrem espaço para a discussão de assuntos não previamente planejados - assuntos que as crianças trazem para a escola - somente quando verificam que as mesmas estão genuinamente interessadas nestes assuntos e estão prontas para enfrentar proveitosamente o tipo de discussão que pode emergir. Segundo eles, a mídia, a cultura popular e os adultos em geral tendem a impor nas crianças assuntos que não lhes dizem respeito. Veja, por exemplo, o que diz o seguinte professor de uma escola Waldorf pública (“charter school”):

Se um aluno da primeira série vem para a escola dizendo palavras que seus pais, amigos ou irmãos mais velhos lhes alimentaram, isto não está vindo da criança. Tenho visto crianças de sete anos de idade vindo para escola e dizendo ‘força nuclear é mal’ e elas vem usando estas camisetas. Elas não sabem nada sobre força nuclear e não querem falar sobre força nuclear. Elas estão falando o que os seus pais lhes colocaram como um valor (...). Isto não vem do coração da criança. Você precisa distinguir o que vem do coração da criança e o que é realmente uma preocupação dela. Precisamos manter as crianças pequenas livres da responsabilidade de ter que lidar diretamente com experiências diretas, fortes, trágicas e estressantes (Minha tradução).

Os professores Waldorf permitem que certos tópicos sejam discutidos em sala de aula somente na medida em que seus alunos vão amadurecendo. Enquanto entrevistava um professor da 4ª série da SWS, por exemplo, ele afirmou que normalmente não permitiria uma discussão sobre racismo em sua sala de aula a não ser que este assunto estivesse “fervendo”. Entretanto, afirmou que não hesitaria em discutir este tema com os seus alunos da oitava série, uma vez que quando chegam neste nível de educação, os mesmos já estudaram a história da escravidão e do imperialismo e supostamente já têm

Educação

uma base sólida para discutirem o tópico e elaborar opiniões próprias e inteligentes sobre o mesmo.

Outra característica importante da educação Waldorf é que busca proteger os seus alunos dos problemas que tendem a encontrar no seu cotidiano fora da escola. Holland (1981, p. 12) explica:

Da mesma forma que um pai toma responsabilidade por abrigar o bebê dos perigos físicos do seu meio ambiente, vemos um papel positivo em guiar as crianças em idade escolar nos seus confrontos com as tentações exteriores e com a dura realidade da sociedade moderna. As crianças que aprendem idéias e valores de uma forma de vida melhor enquanto ainda pequenas, na medida em que se tornam mais velhas e em que as suas faculdades críticas despertam, se tornam mais e mais capazes de fazer os julgamentos necessários para lidar racionalmente e eticamente com um mundo menos que perfeito (Minha tradução).

O ambiente Waldorf é um espaço extremamente protegido. Como disse um professor de uma escola Waldorf pública nos EUA:

Toda a estrutura da escola Waldorf é preparada para dar um apoio à criança...É um ambiente bem protegido...É como se fosse uma vila, uma comunidade que é criada na sala de aula e que traz estabilidade e um senso de 'lar' para a criança (...) [As crianças] têm um refúgio na sala de aula não importa o que está acontecendo no mundo, se é fome, abuso ou outra coisa. E se a criança vêm para a escola com fome, as outras crianças vão repartir o seu lanche com ela. Isto acontece todo o tempo. Isto não resolve os problemas da sociedade ou de sua família, mas recria a oportunidade de entrar em um mundo que sempre vai ressurgir na memória das crianças e viver nas mesmas enquanto 'esperança' (tradução da autora).

Como podemos ver a partir da citação acima, os educadores Waldorf querem que os seus alunos sintam que, mesmo quando as coisas não estejam indo muito bem para eles fora da escola, pelo menos dentro dela eles podem se sentir seguros e felizes. Querem também que os mesmos aprendam a apreciar a beleza das pequenas coisas para que possam assim desenvolver um senso de que a vida vale a pena ser vivida:

Nós queremos promover nas crianças um senso de apreciação pela beleza em torno delas e um sentimento de que o mundo é um bom lugar, para que um dia elas possam olhar para trás, quando estiverem enfrentando conflitos e problemas em suas vidas, e lembrar como foi a sua infância. Lembrar que o mundo é um bom lugar; que o mundo é um lugar que vale a pena estar e trabalhar para melhorá-lo (Professora da pré-escola, tradução da autora).

Educação

Os professores Waldorf buscam proteger as crianças de tudo o que consideram “má influência ” Pedem inclusive aos pais para que não deixem seus filhos assistirem televisão e acessarem a Internet até uma certa idade, pois acreditam que estes meios roubam das crianças a chance de experienciarem a realidade de forma direta e concreta e as condicionam dentro de uma perspectiva materialista/consumista que limita o desenvolvimento de seus potenciais. Esta lógica é amplamente discutida com os pais através de oficinas e reuniões educativas. Assim, tanto os pais quanto as crianças vão pouco a pouco desenvolvendo um senso crítico em relação aos diferentes meios de comunicação e à mídia de uma forma geral.

Na medida em que os alunos Waldorf vão amadurecendo e adquirindo mais conhecimentos e experiências, paulatinamente conquistam um maior grau de liberdade. Veja, por exemplo, a seguinte afirmação de uma professora:

A meta maior é lhes dar a autoridade em suas próprias mãos (...) para que eles possam se tornar a sua própria autoridade. Se aprenderem a obedecer um adulto e seguir a disciplina que lhes é imposta pelo mesmo (...) em tempo vai se tornar autodisciplinada. Quando eles chegam em torno de quatorze anos (...) a meta é que eles tomem esta liberdade em suas mãos (tradução da autora).

Antes de concluir esta parte do trabalho, se faz importante ressaltar que para Steiner, e para os professores Waldorf em geral, a autoridade do professor deve advir de suas qualidades e do amor e respeito que os seus alunos têm por ele. Jamais deve ela advir de atos e necessidades egocêntricas por parte do mesmo (MARSHAK, 1997, p.44).

CONCLUSÃO

Na educação Waldorf, liberdade é uma meta a longo prazo, cultivada através de muita estrutura e direção. Se ela realmente faz com que seus alunos cheguem ao tipo de liberdade que almeja, isso não sabemos. Outras pesquisas são necessárias para fazer esta verificação. O que podemos afirmar com propriedade, entretanto, é que pelo menos em potencial, ela promove um certo grau de liberdade das seguintes formas:

- Oferecendo uma direção firme e segura às crianças, rumo a algo maior do que está acontecendo aqui e agora e além dos modismos que permeiam os meios de comunicação. Como sabemos, muitas escolas tendem a se deter em discussões sobre questões em voga na mídia e as-

Educação

sim acabam por negligenciar o tratamento de conteúdos clássicos e extremamente relevantes à educação e ao desenvolvimento humano;

- Protegendo as crianças de determinados problemas para que possam ter uma infância feliz e livre de certas responsabilidades e preocupações, pelo menos dentro da escola. Desta forma, quando crescerem, saberão que a vida pode e deve ser melhor do que ela se lhes apresenta. Como sabemos, muitos hoje sofrem de depressão e/ou não tem esperança de que possa existir uma vida melhor do que a que possuem. Obviamente existem muitas razões para isto. Uma destas, entretanto, parece estar associada ao fato de que muitos tiveram pouquíssimas oportunidades de ser criança, de brincar e de vivenciar, mesmo que por alguns momentos, uma realidade menos dura do que viviam para que pudessem adquirir condições de sonhar e forças para lutar por uma vida melhor;
- Levando as crianças e suas famílias a questionar os valores materialistas/consumistas impostos pela sociedade moderna. Estes valores tendem a limitar o desenvolvimento de nossos potenciais e nos impedem de viver de acordo com as nossas verdadeiras necessidades e aspirações (muitos nos tornamos “escravos” das necessidades artificialmente criadas pelos interesses do capital e inconscientemente negligenciamos o que verdadeiramente nos é importante);
- Promovendo momentos de introspeção através de atividades artísticas e contemplação da natureza. Isto gera oportunidades para que os alunos tenham um maior contato com o seu “eu interior” (pensamentos, sentimentos, vontades), o que potencialmente promove o seu autoconhecimento. Estas atividades também potencialmente os ajudam a perceber a beleza das pequenas coisas do mundo à sua volta. Este tipo de percepção pode gerar um tipo de alegria e satisfação que vai muito além da efêmera alegria gerada pela conquista de bens materiais supérfluos e pela realidade virtual a que temos acesso através dos meios de comunicação de massa e diversos tipos de microcomputadores;
- Exigindo das crianças muita disciplina e cuidado no desenvolver de seu trabalho para que completem as suas tarefas com o máximo capricho e da melhor forma possível. Isto, potencialmente lhes ajuda a desenvolver autocontrole, autodisciplina e força de vontade para que possam fazer o que for necessário para alcançar metas difíceis e de longo prazo no decorrer de suas vidas;

Educação

- Oferecendo um currículo que promove o desenvolvimento das diferentes dimensões do educando - cognitiva, física, emocional, estética, social e espiritual—abrindo-lhe portas para diferentes possibilidades tanto no campo profissional como em outras áreas;
- Promovendo o desenvolvimento artístico das crianças, o que potencialmente promove a sua capacidade de se expressar e de se comunicar com o mundo;
- Promovendo a imaginação, que como sabemos, é a base de todo o pensamento criativo. Precisamos da imaginação para visualizarmos diferentes possibilidades para as nossas vidas e chegarmos à novas descobertas e conhecimentos;
- Estruturando as experiências das crianças de forma com que estas sejam potencialmente produtivas. Hoje muitos se absterem de estruturar as experiências de seus filhos e/ou alunos permitindo com que os mesmos gastem muito tempo e energia com atividades que não são realmente construtivas nem para a criança e nem para a promoção do bem comum;
- Não permitindo com que os educandos desenvolvam o hábito de se precipitar em julgamentos e decisões irrefletidas. Infelizmente, muitos de nós, na esperança de promover um pensar crítico e independente, conferimos aos nossos filhos e/ou alunos uma liberdade precipitada. Não compreendemos que, para que se torne realmente independente, a criança necessita de certos conhecimentos. Precisa também ser capaz de apreender a realidade na sua totalidade e de avaliar os seus pressupostos e motivos. Somente assim, terá condições de tomar decisões sábias e conduzir a sua vida de forma inteligente e de fato livre.

Antes de concluir este trabalho gostaria de abordar dois pontos chaves, diretamente relacionados ao que foi dito até então. O primeiro diz respeito ao fato que os alunos Waldorf dependem, em grande parte, dos conhecimentos, experiências e visão de mundo de seus professores. Ou seja, a grande maioria dos conhecimentos à que têm acesso são transmitidos pelo professor. Isto, ao meu ver, se constitui em um sério problema por duas razões principais: as crianças não são expostas a diferentes fontes de informação, perspectivas e pontos de vista. Uma vez em que vivemos em uma era na qual a informação está se tornando obsoleta em questão de segundos, aqueles que não aprendem como buscá-la por si próprios, correm o risco de se tornar ultrapassados muito rapidamente. Como minha pesquisa empírica se restringiu ao ensino fundamental e como a literatura sobre a educação Waldorf não trata

Educação

deste tema, não tenho ciência se este problema é endereçado no ensino médio.

O segundo ponto que gostaria de questionar aqui é: será que, em sendo protegido dos problemas do mundo fora da escola, o aluno Waldorf não cresceria alienado deste mundo e, portanto, sem um compromisso para trabalhar no sentido de mudá-lo para melhor? Será também que, em não participando dos processos de decisão sobre as suas experiências escolares tanto de forma individual quanto coletiva, a criança não cresceria com uma tendência a se deixar dominar por outros e com uma deficiência no sentido de não saber participar em processos de decisão que precisam ser encaminhados coletivamente? Levantei estas questões junto a alguns pais, professores e ex-alunos de escolas Waldorf e os mesmos responderam que no decorrer do tempo, o aluno Waldorf tende a desenvolver uma conexão afetiva com o mundo a sua volta muito mais forte do que ocorre com a maioria das crianças em outros tipos de escola que tendem a se conectar com o mundo mais ao nível intelectual. A conexão que vem do coração, segundo eles, possui um grande potencial para mover as pessoas rumo a relações harmoniosas e respeitadas com o próximo e com o seu meio. A prova, alegaram alguns dos entrevistados, é que uma parcela significativa dos graduados provindos das escolas Waldorf participam em associações comunitárias e movimentos políticos no sentido de preservar o meio ambiente e melhorar a qualidade de vida de seus pares. Estudos são necessários para verificar se este realmente é o caso.

Espero que este estudo venha a contribuir na construção de um corpo teórico sobre concepções educacionais alternativas que têm uma abordagem holística e que venha a gerar uma reflexão sobre o que é liberdade, considerando que a concepção hegemônica de liberdade que permeia tanto a nossa sociedade quanto a escola hoje, é ainda bastante limitada e não parece estar contribuindo efetivamente para a construção da felicidade humana. Embora possamos discordar com elementos da educação Waldorf, principalmente no que se refere ao seu alto grau de estrutura para promover o tipo de liberdade em que acredita, não é difícil concordarmos com a idéia de que uma verdadeira concepção de liberdade deveria envolver muito mais do que as idéias de “participação democrática” e a capacidade de dizer e fazer o que queremos. Liberdade, no sentido pleno da palavra, conforme defendido por tradições filosóficas orientais, e mais especificamente, pela experiência Waldorf que foi aqui discutida, envolve também, e muito importantemente, um grau de auto-conhecimento para que possamos distinguir nossas necessidades e aspirações mais autênticas daquelas à nós impostas por outros. Além disso, envolve o desenvolvimento pleno e balanceado de nossas diferentes dimensões enquanto seres humanos (cognitiva, emocional, física, social, estética e

Educação

espiritual), para que possamos ampliar o leque de nossas possibilidades. Finalmente, envolve também, muita autodisciplina e autocontrole para que estejamos sempre prontos para fazermos o que precisa ser feito para atingirmos os nossos objetivos, independentemente das adversidades que encontramos em nosso caminho.

REFERÊNCIAS

- DEWEY, J. *Experience & education*. New York: Collier Books, 1938.
- _____. *John Dewey on education*. New York: The modern library, 1964.
- HOLLAND, W. B. *The Waldorf Schools: 32 questions and answers*. Inverness, USA: Children's Book Service, 1981.
- HOLT, J. *Freedom and beyond*. New York: E.P. Dutton & CO, 1972.
- KRISHNAMURTY. *Education & the significance of life*. San Francisco, USA: Harper & Row, 1981.
- MARSHAK, D. *The common vision: parenting and educating for wholeness*. New York: Peter Lang, 1997.
- NAKAGAWA, Y. *Education for awakening: an eastern approach to holistic education*. Brandon, USA: Holistic Education Press, 2000.
- NEILL, A. S. *Summerhill: A radical approach to child rearing*. New York: Hart, 1960.
- NEILL, A. S. *Freedom — Not Licence!* New York: Hart, 1966.
- ROCHA, D. L. S. Entendendo a pedagogia holística: um estudo comparativo. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 5., 2004. Curitiba. Anais...Curitiba: ANPED/SUL, 2004. 1 CD-ROM
- _____. *Schools where children matter*. Brandon, VT: Foundation for Educational Renewal, 2003a.
- _____. Educação Holística: Características e Reflexões. In: EYNG, A. N; ENS, R. T.; JUNQUEIRA, S. R. A. (Ed.). *O tempo e o espaço na escola: o cotidiano escolar*. Curitiba: Champagnat, 2003b. p. 139-152.
- _____. Noções de tempo e espaço em um modelo de escola diferenciado: o caso da educação Waldorf. *Educação & Linguagem*. São Bernardo do Campo, v6, n.8, p. 179-195, jul./dez. 2003c.
- STEINER, R. *Rhythms of learning*. Hudson, NY: Anthroposophic Press, 1998.
- _____. *The philosophy of freedom*. London: Rudolf Steiner Press, 1964.
- TROSTLY, R. (comp.). Rhythms of learning: what Waldorf education offers children, parents & teachers. *Selected lectures by Rudolf Steiner*. Hudson, NY: Anthroposophic Press, 1998.